

Militares identificam autores de ataque armado em Tabatinga

Tabatinga, AM — João Ramilho

Ricardo Miranda Filho

TABATINGA, AM — Os exércitos brasileiro e colombiano já têm nomes de guerrilheiros e garimpeiros envolvidos no ataque sofrido há oito dias pelo destacamento do Primeiro Batalhão Especial de Fronteira, no limite com a Colômbia, quando morreram três soldados brasileiros. O coronel Evandro Augusto Pamplona Vaz, do Primeiro Comando de Fronteira dos Solimões, e o almirante colombiano Juan Gaitán Gonzales, do Comando Unificado do Sul, trocaram informações sobre os nomes ontem, durante encontro fechado, na sede do Comando, na cidade colombiana de Leticia. Os nomes não foram revelados. O Exército colombiano ainda discute uma data para o envio de suas tropas a Garimpito, um garimpo dentro da cidade colombiana de Puerto Nuevo, a dez quilômetros da fronteira entre os dois países.

"A operação não vai demorar e será muito rápida", revelou o coronel Pamplona. Uma unidade de 120 soldados colombianos do Batalhão e Engenheiros Bejarano Munõz, em Leticia, foi colocada de prontidão para partir para o garimpo. Pelas primeiras informações repassadas ontem pelo Exército colombiano, parecem não existir armas dentro da área do garimpo, que abriga atualmente cerca de 500 pessoas. Um helicóptero do Exército brasileiro seguiu ontem de Tabatinga para a área do destacamento, no rio Traira, levando caixas com armamentos e alimentos.

O presidente da União do Sindicato de Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, afirmou ontem que em dezembro passado já havia alertado o general Taumaturgo Sotero Vaz, chefe do Estado Maior do Exército na Amazônia e ao coronel Evandro Pamplona para o risco de um iminente ataque de garimpeiros colombianos aos destacamentos de fronteira. "Aquela área está muito tensa", disse Altino, reclamando por não ter sido ouvido pelos oficiais. "Isso é coisa de garimpeiros colombianos", afirmou. Altino garante ter visto armamentos pesados com os garimpeiros colombianos, inclusive fuzis automáticos R-15 de fabricação americana e metralhadoras israelenses Uzi, quando esteve em Garimpito, em dezembro passado.



D. Zilda conta que o filho morto temia uma vingança

Famílias relatam a chacina

Pelo menos um dos dois garimpeiros colombianos mortos durante o ataque sofrido há oito dias pelos 17 soldados brasileiros do destacamento do Primeiro Batalhão Especial de Fronteira, no limite com a Colômbia, foi fuzilado pelos guerrilheiros que comandaram a chacina. Segundo o relato das famílias de dois dos três soldados brasileiros mortos durante o ataque, que conversaram com os sobreviventes da chacina, os guerrilheiros, que controlam um garimpo na cidade colombiana de Puerto Nuevo, executaram os garimpeiros colombianos com receio de serem identificados.

Depois de matarem as duas sentinelas brasileiros e descarregarem suas armas sobre o alojamento onde os outros almoçavam — matando os outros soldados brasileiro e um garimpeiro colombiano — os guerrilheiros viram um segundo colombiano fugindo aos gritos. "Eu também vou entrar para a guerrilha", berrou. "Tarde demais", respondeu o guerrilheiro antes de fuzilá-lo. O diálogo foi descrito, por um dos sobreviventes, para Zilda Fonseca Freitas, mãe do soldado Sidmar Fonseca Moreira, um dos três mortos.

Zilda conta que o filho, que havia sido enviado pela terceira vez ao destacamento do rio Traira, dizia estar muito nervoso com o grande aumento da presença de garimpeiros colombianos do lado brasileiro da fronteira, vindos de Garimpitos. "Ele estava muito preocupado porque encontrava muitos garimpeiros ali", lembra Zilda.

Desde que soube da morte do filho,

há cinco dias, Zilda está prostrada numa rede de lona armada na sala de seu barracão, uma palafita de madeira nas margens do Rio Solimões, onde mora com outros seis filhos menores em Puerto Mayk, um dos bairros mais pobres da cidade colombiana de Leticia. Do Exército a família recebeu apenas uma cesta de alimentos. "Eles me enganaram. Ninguém deixou eu ver o rosto do meu filho", reclama Zilda. Assim como Sidmar, o soldado Sanção Ramos Gonçalves, o primeiro a morrer durante o ataque também temia cruzar com garimpeiros ligados ao terrorismo na região. É o que afirma sua viúva, Dulcineia Vieira Gonçalves.

□ O presidente Fernando Collor transmitiu ontem ao ministro do Exército, Carlos Tinoco, mensagem de pesar pela morte de três soldados brasileiros no ataque ao destacamento na fronteira com a Colômbia, próximo à cidade de Tabatinga. "Neste momento de pesar para a sociedade brasileira, quando alguns daqueles jovens foram imolados no estrito cumprimento do dever pátrio, tombados pela agressão covarde, próprios dos que atuam na ilegalidade, desejo levar à família verde-oliva a gratidão do governo brasileiro e a minha solidariedade aos familiares, em sua dor", diz a mensagem presidencial. O presidente expressa, "em nome da pátria", seu reconhecimento ao Exército.